

A organização em redes e a musicoterapia

Ricardo Paes de Figueiredo¹

A Musicoterapia no Brasil vem contando com novas ferramentas na articulação da categoria na luta pela regulamentação profissional. Listas de discussão e website. Agora um portal. A pergunta é: está a musicoterapia brasileira organizada em rede?

Além das discussões teóricas e técnicas, da troca de experiências e práticas, formas de atuação e aplicação da Musicoterapia em diferentes contextos, orientação aos profissionais recém formados, elaboração de currículo e formação de novos musicoterapeutas, os musicoterapeutas brasileiros ainda encontram tempo para questionar sobre política, identidade e função social, etc. Seria fantástico se já pudéssemos dizer que estamos plenamente organizados em uma grande rede colaborativa, de troca e aperfeiçoamento cumulativo que este tipo de organização proporciona e favorece.

Sobre redes

O sociólogo espanhol Manuel CASTELLSⁱ afirma que a organização em redes é das mais adequadas formas de organização do trabalho no modo de produção capitalista no século 21, fortemente influenciado pelo conjunto das novas tecnologias de informação e comunicação (NTICs).

A organização em rede supera a forma piramidal de organização e instaura novos formatos e fluxos de informação e de poder que, em sua circularidade, fortalece a democracia no processo de gestão coletiva da sociedade. A organização em rede pressupõe uma comunicação em que, como elos de uma cadeia, o movimento é "provocado" no outro mediante a transmissão de conteúdos e informações, mensagens objetivas e também afetivas ressaltadas pela interação psicossocial própria dos grupos e das comunidades (WHITAKER, 1996).

Claro que isso tudo idealmente. Na real, são grandes as dificuldades para consolidar *qualquer nível de convívio colaborativo em rede, dentro ou fora da Internet*. E tais dificuldades não são apenas dos musicoterapeutas. Todo e qualquer coletivo as enfrenta com maior ou menor êxito, na medida em que consiga assumir ou não compromissos coletivamente.

BARABÁSI (2002) em sua instigante obra *Linked*ⁱⁱ fala sobre a não uniformidade das redes, pois existem pontos de concentração de mais conexões do que em outras partes de uma mesma rede. Observar como um determinado conjunto de indivíduos se organiza e compreender as razões que determinam a maior ou menor concentração de interesses desta ou daquela natureza, pode nos

¹ Produtor e animador cultural, terapeuta, artista plástico e gráfico. Como webmaster, assumiu desde 1998 a função de criar e desenvolver o portal da UBAM.

ajudar a desenvolver maior consistência em nossas estratégias de comunicação interna e externa, tão indispensáveis para o processo, por exemplo, de regulamentação profissional.

Infelizmente ainda confundimos a rede com os meios através dos quais ela opera e existe. Um portal, que é uma ferramenta colaborativa, não pode confundir-se com a colaboração em si mesma – que pode ser efetiva sem a utilização desta ferramenta. A mera possibilidade de conexão entre indivíduos não garante o nível de troca e colaboração que existirá entre eles. Então, podemos chamar o conjunto dos musicoterapeutas brasileiros de “comunidade”?

Segundo BAUMAN (2003), os termos "comunidade" e "comunitário" refletem sentimentos de pertencimento, de confiança, que representem proteção e acolhimento. Este sentimento de que fala Bauman subjaz na participação dos indivíduos nas comunidades a que pertencem. Não estamos falando apenas de e-grupos (grupos de discussão por e-mail e, tão pouco, das “comunidades” do Orkut), estamos falando de um processo mais consistente e sustentável de construção coletiva que, no íntimo, todos almejamos. Sendo assim, a idéia de rede se aproxima da idéia de "comunidade" real ou virtual. Pertencer a uma rede é, portanto, criar e recriar uma vida em comunidade, em sociedade. É no interior das redes que todo movimento social se consolida e fortalece.

As NTICs

As chamadas novas tecnologias de informação e comunicação (NTICs) vêm revolucionando nosso cotidiano nas últimas décadas, sobretudo com a Internet no final dos anos 90. Na Grande Rede, os conteúdos veiculados sempre demandaram grande esforço de seleção, indexação, organização e acesso para um público ávido de informação instantânea e segura. O sucesso de empresas como "Yahoo" e "Google" demonstra a importância estratégica dos mecanismos de busca e indexação neste emaranhado de informações que é a Web. Teia feminina, alguém já escreveu, como Mnémosis a tecer a própria teia da memória, a Internet é mídia, ambiente, via de acesso e troca, ágora cibernética, um "tudo junto ao mesmo tempo agora" desafiador e instigante.

Blogs e portais

Com a possibilidade de se inserir conteúdo dinâmico em páginas na Rede (ou seja, páginas que "se montam" a partir de uma base de dados, no computador cliente), surgiram os portais e os "blogs" ("web-logs"). "Blogs" são, na maioria, produções individuais como diário pessoal etc; enquanto os "portais" são ferramentas colaborativas por definição e pressupõem a participação de um coletivo, com distribuição de tarefas, com a construção participativa dos parâmetros de funcionamento, com funcionalidades antes sequer imaginadas e que agora estão ao alcance do "mouse".

De 2000 a 2006

Embora uma primeira versão tenha ido ao ar em 1998, somente em junho de 2000 lançamos oficialmente a página da UBAM. Nesta mesma ocasião, criamos duas listas de discussão: uma *pública* sobre Musicoterapia e outra *privativa*, apenas para os membros das associações colegiadas. Essas listas ainda constituem, de seis anos para cá, uma modesta contribuição para a troca de experiências e informações. Contudo, apenas estar inscritos em listas de discussão não nos torna ainda uma rede.

Em meados de 2005, após um longo período de reformulação levado a cabo em condições não-ideais, a nova versão, agora como um portal dinâmico, estruturado também como uma revista eletrônica. A produção, tradução, revisão de conteúdos, seleção, leitura e aprovação dos conteúdos lá inseridos deveriam resultar de um processo coletivo. Por enquanto um esforço solitário mantém este elenco de funções.

O que poderia estar faltando em nossa rede social para que tal esforço pudesse ser compartilhado coletivamente? Que estratégias poderíamos adotar?

TOROⁱⁱⁱ (2003), relaciona sete princípios para que uma rede social tenha êxito:

1. Construir confiança
2. Compartilhar valores
3. Dar e receber
4. Criar produtos e eventos
5. Investir em lideranças
6. Sistematizar conhecimentos
7. Aprender fazendo

Refletir sobre cada um dos itens acima como princípios para uma eficaz dinâmica de construção coletiva de uma rede social poderá contribuir para repensarmos nossas contribuições individuais para a comunidade musicoterapêutica brasileira.

Para acessar o *slideshow* (MS-PowerPoint) com detalhes da apresentação oral:

<http://www.ubam.mus.br/portal/docs/redes.pps> (a partir do dia 10/8/2006)

Referências:

BAUMAN, Zygmunt. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.

ROSSETTI, Fernando. Sete Princípios para Redes Sociais (28 de dezembro de 2005). In Aprendiz.

TORO, Bernardo. in "Seminário Internacional Avaliação, Sistematização e Disseminação de Projetos Sociais da Fundação Abrinq, São Paulo, 2003.

WHITAKER, Francisco. Rede: uma estrutura alternativa de organização. In: Revista Mutações Sociais. Rio de Janeiro: CEDAC - Número 3, 1993.

Notas:

ⁱ Autor de “A Sociedade em Rede” (Paz e Terra, 1999).

ⁱⁱ Editado pela Plume. Albert-László Barabási é um físico húngaro da Universidade de Notre Dame (EUA).

ⁱⁱⁱ Intelectual orgânico colombiano envolvido com redes sociais.